



AQUELE OUTRO POETA NEGRO *

Nelson Marzullo Tangerini

A poesia negra brasileira não cessou com Luís Gama – poeta satírico, filho de uma negra e um português e vendido como escravo pelo próprio pai –, João da Cruz e Sousa ou Solano Trindade. Na verdade, ela continuou existindo com Milton Nascimento, Cartola, Gilberto Gil, Paulinho da Viola, Carlos Cachaca, Grande Otelo [**], Nelson Sargento, Monsueto – que conheci quando tinha 12 anos –, Azael Alves – que foi amigo do meu pai, Nestor Tangerini, e nosso vizinho –, entre outros. Caldas Barbosa, que tinha sangue negro em suas veias, aliás, antes de Cruz e Sousa e Solano, com suas modinhas e lundus, brilhava e encantava os lusitanos no Brasil e em Portugal, para onde foi definitivamente.

O poeta Adão Ventura é uma prova viva disso. E abro aqui uma sugestão para que alguém, neste país, com sangue negro e uma dívida sem tamanho para com os negros, tratados como animais de carga e irracionais por ingleses e portugueses, escreva uma tese de mestrado ou doutorado sobre a poesia afro-brasileira.

Adão Ventura Ferreira Reis, que nasceu em Santo Antônio do Itambé, no interior de Minas Gerais, em 1946, assim como Cruz e Sousa e Solano, foi um militante da causa negra. Sua poesia, impregnada de questões da negritude, revela um poeta sensível, sonoro, fluente, preocupado com a situação do negro no Brasil e no mundo. Iniciando os períodos com letras minúsculas e escrevendo África – sempre – com letras maiúsculas, Ventura estimula, com elegância, a altivez e a dignidade do povo negro, que jamais pediu ao europeu para ser escravo no Brasil ou na América do Norte. A projeção do negro nas Américas, como sabemos, é lenta, lentíssima, difícil. O negro, vigiado, policiado por todos os lados, vê-se como *O Emparedado*, do texto em prosa de Cruz e Sousa. O Brasil, hipócrita, ainda não assumiu o sangue negro a correr em suas veias; o sangue daqueles africanos humilhados pela escravidão, um crime tão hediondo quanto o Holocausto de judeus na Alemanha de Hitler.

Castro Alves, poeta romântico brasileiro, em *O Navio Negreiro*, descreve a humilhação sofrida pelo negro desde a sua captura em continente africano:

Era um sonho dantesco... O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar,
Tinir de ferros... estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

(...)

5a.

Senhor Deus dos desgraçados!

Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! Por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!
 (...)
Homens simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos,
Sem ar, sem luz, sem razão...

Sobre Adão Ventura, escreveu Manuel Lobato: "A iniquidade do mundo e o mistério da vida gritam na sonoridade de seus versos".

Eis alguns exemplos de sua poesia militante:

"Para um negro

para um negro
a cor da pele
é uma sombra
muitas vezes mais forte
que um soco.
para um negro
a cor da pele
é uma faca
que atinge
muito mais em cheio
o coração".

e

"Das biografias – Um

em negro
teceram-me a pele
enormes correntes
amarraram-me ao tronco
de uma Nova África.

carrego comigo
a sombra de longos muros
tentando impedir
que meus pés
cheguem ao final
dos caminhos.

mas o meu sangue
está cada vez mais forte.
tão forte quanto as imensas pedras
que meus avós carregaram
para edificar os palácios dos reis".

Formado em direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, em 1973, Adão, a convite da University of New México, foi para os



Adão Ventura

Estados Unidos, onde lecionou literatura contemporânea.

Embora pouco lido e pouco divulgado – por ser negro? –, Adão publicou diversos livros, dentre eles *A cor da pele*, *Texturafro* e *As musculaturas do Arco do Triunfo*. São livros difíceis de serem encontrados. As editoras, pouco preocupadas com a poesia negra, não os reeditam. E ninguém os encontram em sebos.

Adão Ventura participou de várias antologias e seus poemas foram traduzidos para o inglês e o alemão. Um de seus poemas, inclusive, foi incluído na antologia *Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século*, organizada por Ítalo Moriconi para a Editora Objetiva, de São Paulo.

Em 2002, o poeta negro publicaria mais um livro difícil de ser encontrado: *Litanias de Cão*.

Ainda desconhecido por parte de muitos professores de literatura, alunos de Letras, escritores e jornalistas, Adão faleceu em junho de 2004.

Como um poeta tão grande e tão nobre pode ficar de fora dos cursos de Letras, de livros de literatura e da "rodinha" literária?

O jornal *Estado de Minas*, felizmente, comentou seu falecimento, em 2004, fazendo uma retrospectiva de sua vida e de sua obra, tão justamente lembrada.

[*] O título "Aquele outro poeta negro" faz alusão à crônica "Aquele poeta negro", de Affonso Romano de Sant'Anna, publicada no Jornal do Brasil e no livro *Reencontro com Cruz e Sousa*, de Uelinton Farias Alves.

[**] Grande Otelo, ator, poeta e compositor trabalhou nas peças *No tabuleiro da baiana*, *Magnífica!* e *Goll!*, de Nestor Tangerini.

DIGANÃO AO RACISMO.

Nelson Tangerini é escritor, jornalista, poeta, compositor, professor de Língua Portuguesa e Literatura e membro da Associação Nacional de Escritores.
nmtangerini@yahoo.com.br



O Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo - 8ª Região, em parceria com o Conselho Federal, lançaram, no estande do CRB8 na 26ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, a **Campanha Nacional "Sou biblioteca escolar"** com o objetivo de sensibilizar o governo para o cumprimento da Lei 12.244/10.

Estiveram presentes no lançamento da campanha personagens das artes, da literatura, do social, de universidades e da política de diversos partidos como a deputada federal Luiza Erundina que foi nomeada Madrinha da Campanha Nacional "Sou biblioteca escolar".

A Lei da Universalização das Bibliotecas Escolares, Lei 12.244/10, sancionada em 24 de maio de 2010, determinou sejam construídas bibliotecas nas instituições de ensino do país, públicas e privadas, com um acervo mínimo que atenda um título para cada aluno matriculado.

O prazo para cumprimento da Lei terminou em maio de 2020. O *Anuário Brasileiro da Educação Básica*, em 2019, divulgou que apenas 45,7% das escolas públicas de ensino básico contam com bibliotecas ou salas de leitura em suas instalações.

Segundo a presidenta do CRB-8 Ana Cláudia Martins, "Passados doze anos que a Lei da universalização das bibliotecas escolares foi aprovada, ainda há muitas escolas desprovidas de biblioteca, sem que haja sanção pelo descumprimento da Lei. Queremos na Bienal Internacional do Livro, com apoio da sociedade, sensibilizar as autoridades para que essa importante Lei seja cumprida".

Esperamos que a referida Lei seja cumprida. Que todas as escolas públicas e privadas do País tenham bibliotecas com infraestrutura e com um acervo que atenda às necessidades do aluno. Lembrando que toda biblioteca necessita ter uma bibliotecária ou bibliotecário.

Também almejamos que as mesmas tenham sempre um escritor proferindo palestras, em bate-papo e lançando livros.

Todos juntos pela democratização do livro e da leitura. Mais livros e menos armas, assim poderemos construir um País mais digno e justo.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00

Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil. Enviar comprovante e endereço para linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Madre Cecília, 1770 - Piracicaba - SP - 13400-490

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

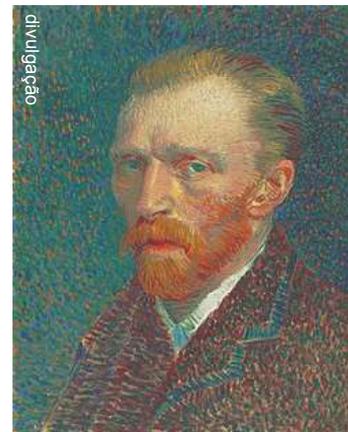
ORELHAS

Raquel Naveira

Assisti a uma palestra do cirurgião plástico Juarez Avelar (1942), discípulo do Dr. Ivo Pitanguy, sobre reconstrução de orelha, sua especialidade. Orelhas desproporcionais como hélices, de abano, destroçadas por acidentes e mordidas, rasgadas por facas, inúmeros casos que chegaram às mãos desse mestre da Estética. Explicou como se modela com cartilagem retirada das costas do paciente um novo quadro auricular. Pequena escultura colocada por baixo da pele, escavando no crânio, restaurando membranas, preservando os canais espiralados em concha, salvando o tímpano e seus líquidos que mantêm o equilíbrio. Tudo tão delicado, perfeito. Mistura de técnica, artesanato, sensibilidade.

Enquanto ele falava, lembrei que fazia frio no olival do Getsêmani, quando Jesus foi abordado com violência pelos soldados romanos. O discípulo Pedro sacou de uma espada e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita. Jesus ordenou que Pedro guardasse a espada, que se arrependesse daquela reação truculenta. Conhecemos uma pessoa mais pelas suas reações do que pelas suas ações. Tocou a orelha do homem, que se chamava Malco e o sarou. Restaurar uma orelha foi seu último milagre.

Van Gogh (1853-1890), o pintor holandês, gênio incompreendido, célebre por suas pinceladas impulsivas e vigorosas, para onde convergiam loucura e criatividade, numa crise de delírio, cortou a orelha esquerda com uma lâmina afiada. Que teria acontecido naquele exato instante de frenesi e tortura? Uma briga com outro pintor, Gauguin (1848-1903), homem já maduro, arrogante, que abandonara a cidade, a família, o mundo burguês, para encontrar o sentido primitivo da vida, na ilusão de romper amarras? O sentimento de fúria e fracasso diante da falta de recursos e de reconhecimento? O que o levou a enrolar a orelha em papel de seda e enviá-la ao bordel que ele e Gauguin frequentavam? O médico bem que tentou recolocar



Van Gogh - Autorretrato

a orelha de Van Gogh, mas muito tempo havia se passado. Foi inútil.

Com uma bandagem cobrindo o ferimento; um casaco esverdeado, fechado por um botão de madeira; um gorro de feltro preto e um cachimbo no canto da boca, Van Gogh pintou o "Autorretrato com a orelha cortada". A barba e os cabelos ruivos estão ralos nesse desenho, mas o azul-claro de um olhar fragilizado e trágico parece sondar a nossa alma. Pouco tempo depois, com apenas trinta e sete anos, após uma visão de uma foice segando o campo de trigo, disparou um tiro contra o próprio peito.

Orelha direita. Orelha esquerda. Palestra concluída. Bondade e Amor à Beleza emanam desse cirurgião que reconstrói orelhas, que devolve a autoestima às pessoas.

Ficou impregnado em mim o mistério do ouvido humano, símbolo da comunicação recebida e passiva. Da capacidade de compreender, discernir e aceitar. Do som da palavra divina que vibra por tubos, como num instrumento musical.

Raquel Naveira é escritora, cronista, poeta e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e ao PEN Clube do Brasil.



UMA EPIFANIA NARRATIVA

Ronaldo Cagiano

As *diabruras de Orfeu* (Ed. Lacre, Rio, 2020), de Paulo Martins, escritor brasileiro (nascido em Ipiaú, Bahia) radicado em Portugal, sequencia um projeto literário iniciado com *“Glória partida ao meio”* (2010) e *“Adeus, Fernando Pessoa”* (2014), editados pela 7Letras, do Rio, no qual, entre a invenção e a memória e tendo como pano de fundo a histórica recente do Brasil, suas lutas políticas e os movimentos artísticos, o autor realiza uma imersão crítica e reflexiva na realidade do país.

Ao apropriar-se do mito de Orfeu e Eurídice, Martins escreve uma obra de natureza híbrida, em que o cunho memorialístico, confessional ou autobiográfico, a crítica política, a reflexão filosófica, o flerte metafísico e o ensaio sobre o mundo musical e cultural compõem-se numa atmosfera de profunda simbiose, abrindo picadas no cipoal de uma imersão existencial de intensa e densa polifonia.

Escrito nos moldes de uma sinfonia, os cinco capítulos que enfeixam a obra anunciam-se, em icônicas partituras, como movimentos de uma orquestra, em que os episódios desdobram-se num crescendo, em cujas as notas deslinda-se a harmonia (ou desarmonia) de uma trajetória individual e coletiva, percebendo-se todas as acordes e dissonância de um tempo premido por circunstâncias que afetaram a vida do protagonista e personagens, bem como contenciosos e episódios marcantes na história de um país e de um povo.

Ao narrar as aventuras e desventuras, os sonhos e frustrações de um personagem que abraçou a luta política desde cedo com a mesma paixão que nutriu pela música, Paulo dá voz a uma investigação sobre os caminhos, os dilemas, os paradoxos, contradições e diatribes que conformam a própria condição humana. Entre o sonhado e o vivido, na fronteira entre o onírico e o real, contam-se as diabruras de um ser inquieto, motivador pela busca de sentido na arte e na vida e que, entre a utopia e as derrocadas, teve na música seu

espaço de deambulação e devaneio, a única instância em que pôde exercer fielmente a sua liberdade de comunicação e expressão.

Acometido desde cedo por uma limitação auditiva e também déficit visual, por força das torturas e sofrimentos impingidos nos porões da ditadura, o autor-narrador, ao confrontar-se com a impossibilidade de ser um compositor, tornou-se um exímio e sofisticado *expert* em música, cuja obsessão não se exauriu com a interdição provocada pelas sevícias da prisão, mas transformou-se em *leitmotiv* de toda uma vida, o espaço íntimo de resgate de um talento precoce que nunca se sucumbiu às contingências políticas e outros incidentes e passivos que afetaram sua vida.

“As diabruras de Orfeu”, transcende a projeção ontológica intrínseca ao espírito da obra, para traduzir-se numa delicada homenagem à mulher e ao amor (ou às suas dores e conflitos), temas recorrentes nos universos criativos de Jacques Brel, Chico Buarque e Vinícius de Moraes, sobre os quais o autor se debruça com denodado mergulho prospectivo, identificando conexões, percebe afinidades estilísticas, rastreia analogias temáticas, disseca e escande, a partir dos registros e arquétipos das canções que reproduz ao longo da obra, as filiações estéticas e influências que se comunicam entre esses três virtuosos da música contemporânea e que constituem referência predominante em sua ambiência ao mesmo tempo musical e literária, delineando as vinculações com outras linguagens que frequentam seu imaginário e sua mitologia pessoal, como o teatro, o cinema, a ficção e a poesia.

Como enfatiza Ricardo Cravo Albim, um epígono da mais respeitada crítica musical brasileira, “o autor também esgrime, e deposita aos pés do leitor, alentada cultura musical e literária, em especial a helênica, a dos mitos e das assombrações, a do épico da música e da morte, da vida e do amor”. É nesse empenho de inigualável be-



Paulo Martins

leza plástica que Paulo Martins oferece ao leitor um concerto narrativo em cuja linguagem de sofisticada carpintaria, recursos poético e primazia estilística, que mescla o sinfônico e o camerístico, o erudito e o popular, a tradição e a vanguarda, culminando num momento de rara epifania.

Trecho:

“Buscava então uma explicação para as travessuras de minha imaginação na própria tragicidade do mito que, apesar disso ou por isso mesmo, me parecia ser o mais profundo canto de esperança e de harmonia para a humanidade. Os dois núcleos centrais de sua história – a morte de Eurídice, com a tentativa posterior de Orfeu de resgatá-la do mundo das sombras e a morte do próprio Orfeu – deviam guardar a chave do mistério desse declínio que eu enxergava como uma desgraça que ameaçava nosso tempo.”

Ronaldo Cagiano é escritor, advogado, crítico literário e membro da Associação Nacional de Escritores. Reside em Portugal. ronaldo.cagiano@hotmail.com

Flor de Laranjeira

Andreia Donadon Leal

Não recolho
mato
erva
e
capim
no fundo do quintal.
Destroçaram
verde
cor de rosa
violeta
e
minha flor de laranjeira.
Meus olhos miram tristes
as folhas secas
do mato
da erva
da flor de laranjeira.
Verde desbotou
cor de rosa desapareceu,
restou
:
sépia misturado
com vermelho ocre.
Só no fundo do quintal
um galhinho tímido
de flor de laranjeira
camuflado.

Andreia Donadon Leal é artista plástica, escritora, poeta, pós-graduada em Artes Visuais, Cultura & Criação e Mestre em Literatura e Cultura na Universidade Federal de Viçosa. Membro da comissão editorial do Jornal Aldrava Cultural.

Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados em todo o território nacional. Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



CINCO NARRATIVAS SOBRE O TEMPO

Tanussi Cardoso

para o poeta Ivan Junqueira, em memória

"Do not go gentle into that good night" Dylan Thomas

PRIMEIRA NARRATIVA: O TEMPO, O CANSAÇO, A VIDA

As horas deslizam sobre os ponteiros.

Ontem, vi um rosto andando na rua.
Ele não me viu. Sequer me olhou pelo celular.

(A velhice tem o dom de nos deixar invisíveis.)

Hoje, conversei bastante comigo mesmo:
não gostei do meu interlocutor.

À noite, a TV me desligou.
Dormi bem com meus pesadelos.

Meu coração está repleto de vazio.

SEGUNDA NARRATIVA: UM JEITO DE OLHAR

Tudo se move se nos movemos.
Em suas asperezas e vértices,
luz e trevas, pleno e vazio.
Como se o mundo não passasse de uma geleia
que caminha conforme nossa carcaça.

Uma xícara que se quebra deixa de ser xícara
ou só perde seu objeto?
Uma vida morta deixa de ser vida
ou persiste no ar da memória?
E se Nietzsche matou Deus,
não posso enviar-Lhe uma carta?

Só uma certeza:
o céu é maior que o mar, mas cabe todo dentro dele.

Tanussi Cardoso é poeta, contista, crítico literário, compositor, letrista, tradutor e jornalista.
Membro do Pen-Clube do Brasil, da União Brasileira de Escritores e da Associação
Profissional de Poetas do Rio de Janeiro. Foi Presidente do Sindicato
dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro.

TERCEIRA NARRATIVA: OS DIAS

Viver é caminhar morte adentro.
Sol penetrando a noite.
Mar salgando o deserto.

Todo amor treme quando amanhece:
nuvem obrigatória, trem de descaminhos.

Cada flor que nasce se desfolha ao entardecer.
E é por detrás das palavras que Deus se escreve.

Sinto-me correndo atrás dos ponteiros do relógio.
Sempre atrasado. E longe.

O coração é um silêncio sem nada dentro.

QUARTA NARRATIVA: PEDRA

O amigo, a mãe e o amor partiram.
Caminhar pela praia dissolve a neblina do rosto.
O Pão-de-Açúcar é metáfora amarga na montanha.
Talvez coubesse em pedras futuras,
mas me afasto entre os dentes das frutas
e me alimento das flores noturnas.
Distraído, Deus sussurra algo que não entendo.
Tudo continua como o vazio permite.
A vida segue entre soluços.

QUINTA NARRATIVA: SEM FIM

A vida é o curto-circuito de um raio,
ainda assim é no Sol que acredito.

O canto dos bem-te-vis
ecoa sobre os telhados dos mortos.

Morrer não é doce.
Não entrarei mansamente no relâmpago dessa noite.

INCÓGNITA

Maria de Lourdes Alba

Borbulham em minha cabeça
Ideias sem direção
Capengas no tempo obscuro
Sem nenhuma exatidão

São frases perdidas no inconsciente
Trazem sentido e razão
Encobertas de sentimentos
Que não se decifrarão

Maria de Lourdes Alba é poeta,
escritora, jornalista e pós-graduada
em Jornalismo.

escrevo para ouvir
o som das palavras
no silêncio da melodia

escrevo para a palavra
presa no dicionário
na língua dos falsos cultos

escrevo para acordar
os dormentes da indiferença
dos crentes nas armas

escrevo para os desalmados
os profetas do antigo testamento

escrevo aos que rezam para o nada
amantes de mito carcomido

escrevo para o amor
abafado no ódio
no pódio da ignorância

escrevo com a tinta acirrada
na pele dos que engolem dinheiro

escrevo para o pão dos famintos
para a exaltação dos sonhos

escrevo para renascer
o dia da noite longa

escrevo para demover
a palavra calada

Dinovaldo Gilioli é poeta,
escritor e ativista cultural de
Florianópolis (SC)

Assine Linguagem Viva

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tel.: (11) 97358-6255





A saga de Lorena numa hábil narrativa

Helio Brasil

I

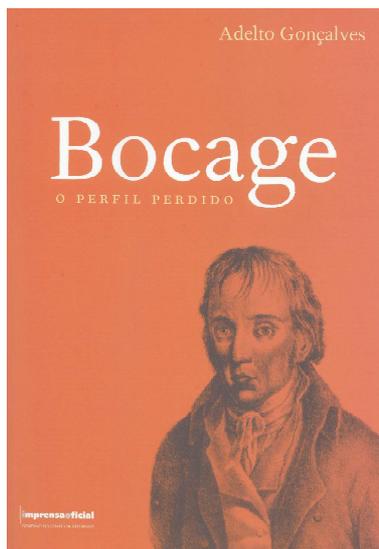
A História do Brasil teria que ser contada por um coral de historiadores, apoiados em narrativas de cronistas, aventureiros, viajantes constrangidos ou deslumbrados. Uma inicial e lógica exploração feita a partir da costa, seguida de penosas internações. Todas milagrosamente rápidas, tendo em vista os recursos da época, pois falamos de um passado de meio milhar de anos. Registros, documentos, cartas, mapas (de incrível rigor, em face dos recursos da época), bem como a ansiosa busca de riquezas para uma Europa que experimentara a incubação medieval e a explosão do Renascimento.

Não à toa, Espanha e Portugal, dois países debruçados sobre o mar, como se espichando um pescoço geográfico para o Hemisfério Sul ali dominado pelo Atlântico, lançaram-se à cata de riquezas. A terra lusitana, restrito território, pobre de recursos naturais, mais do que todos, levou a conquista a sério.

Nenhuma colonização é angelical. Antes é fria, cruel e espoliadora. Assim, dizer que o Brasil teria se tornado um país melhor se ficasse com espanhóis, com ingleses, franceses ou (que deslumbramento!) dourados holandeses, nos parece uma conjectura ingênua. Historicamente (ou fatalmente) ficamos com Portugal. E será sobre essa nação e seu povo – tão péssimo como os mais péssimos, tão notável quanto os mais notáveis – que devemos falar.

II

Em *O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo – 1788-1797* (São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019), Adolfo Gonçalves concentra seu foco no momento histórico em que a nação lusitana se assentava nos trópicos. O Brasil receberia navegadores com destinos mais definidos. O Rio de Janeiro, embora acossado pelos franceses, politicamente deixou a posição secundária,



abrigo a sede do vice-reinado antes assentada em Salvador. E faz parte desse foco a referência à conjura mineira, pois daquela importante capitania se havia desmembrado o território que hoje abriga o Estado de São Paulo.

Nesse contexto, viu-se o autor da obra obrigado a situar a narrativa a partir de governadores que antecederam o astro central – Lorena – com dificuldades em cumprir a missão estruturadora da capitania. Tanto os suspeitos de incurrência ou de alcance no dinheiro público (hábito ainda não abandonado em nossos dias) como os sabujos e incompetentes.

O lado positivo das ações de Lorena valoriza a narrativa. E vale a pena registrar uma obra, ainda existente, que surpreendeu por atravessar os séculos: a Calçada do Lorena, estrada pavimentada originalmente com características ousadas para a época e que concretizou a indispensável ligação do planalto paulista com o litoral. Libertava-se a província paulista do porto do Rio de Janeiro. E Adolfo nos mostrará quão fecundo foi o governo de d. Bernardo José Maria da Silveira e Lorena (1756-1818) para o despertar desse hoje grande Estado brasileiro.

A construção da hábil narrativa nos mostra os governos anteriores corruptos ou corruptores e

com ações mesquinhas, o que faz ressaltar a competência demonstrada por Lorena. O leitor logo estará envolvido pelos episódios que antecederam a entrada em cena do nosso personagem, e verá um perfil descrito sem paixão, mas com o indistigável prazer do historiador de reconstruir o protagonista do livro.

III

Não caberia o prolongamento dos comentários acerca do conteúdo histórico tão bem narrado, mas neste breve texto é indispensável focalizarmos também o autor do livro, consagrado como historiador e pesquisador com títulos obtidos no Brasil e no exterior.

Adolfo Gonçalves é autor de extensa obra, destacando-se as biografias, largamente premiadas, dos poetas Manuel Maria de Barbosa do Bocage (1765-1805), no livro *Bocage, o perfil perdido* (Lisboa, Editorial Caminho, 2003), e Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), em *Gonzaga, um poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1999). É também célebre e apreciado no terreno da ficção, trazendo-nos uma bela reconstrução da cidade de Santos nas primeiras décadas do século XX e os movimentos sociais vistos então como “subversivos”.

Barcelona brasileira (Lisboa, Nova Arrancada, 1999; São Paulo, Publisher Brasil, 2002) e *Os viralatas da madrugada* (Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1981; Taubaté, Editora Letra Selvagem, 2015) são romances de forte conteúdo político, não discursivos, lidos com agrado. Livros que nos fazem esquecer o tempo, sendo devorados com prazer. Situações

e personagens com grande credibilidade, disputando encarnações que lembram o Jorge Amado (1912-2001) dos tempos de *Mar morto* (1936). Adolfo mostra-se à vontade na escrita correta e leve. Não se perceberá o hiato porventura existente entre historiador e criador de histórias.

Da orelha do livro aqui comentado, recorto uma observação precisa de Carlos Guilherme Mota: “...Lorena tem suas origens familiares, a vida e a ação esquadrinhas com a argúcia que define um bom historiador.” Podemos acrescentar: ...e um excelente escritor.

O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo – 1788-1797, de Adolfo Gonçalves, com prefácio de Kenneth Maxwell, apresentação de Carlos Guilherme Mota e fotos de Luiz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 408 páginas, R\$ 70,00, 2019.

www.imprensaoficial.com.br

Helio Brasil, arquiteto, professor universitário, romancista e contista, é autor de uma trilogia sobre o bairro carioca de São Cristóvão: o livro de não-ficção *São Cristóvão: memória e esperança* (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2004) e os romances *A última adolescência* (Bom Texto, 2004) e *Ladeira do Tempo-Foi* (Synergia Editora, 2017), entre outras importantes obras. Como contista, publicou *O perfume que roubam de ti... e outras histórias* (Synergia Editora, 2018) e participou de antologias.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br



NÃO ESCREVO POEMAS

Wilson Luques Costa

Não escrevo poemas enquanto o grito dos que não querem morrer ecoa pelo quarto pelo corredor pelas salas De longe ou de perto ouço o pretérito reecoar na boca dos que lamentam a solidão das trevas Enfermeiras e médicos fazem o que podem e o que não podem para alentar a vida O passado vem na boca dos que morrem em murmúrios [nas madrugadas quase que inaudíveis Ouvidos mocos desprezam a sutileza da morte que carrega todos os corpos indistinguívelmente até o estio da deslembração Onde há pouco restavam incólumes um óbolo um resto ou uma nesga de esperança

Wilson Luques Costa, escritor, poeta, jornalista e professor, é formado em Jornalismo pela UMC/SP com especialização em Psicologia pela USP e em Filosofia pela Unesp.

Deuses das amêndoas

Rosani Abou Adal

Figueira de Pitágoras repleta de alfarrobas, fruto adocicado, com pouca gordura, alimentou povos e animais da antiguidade. As sementes das vagens marrom escura produzem o pó dos deuses do mediterrâneo. Bebida amarga e de folhas perenes, consumida pelo Império Asteca, o chocolate com gosto apimentado foi apreciado por Cristóvão Colombo. Originário da Bacia Amazônica, o cacauero é o protetor da Mata Atlântica. As amêndoas torradas do cacau produzem o chocolate em pó, em barra, amargo, meio amargo, branco e ao leite. Alimentam a alma dos chocólatras e dos deuses das amêndoas.

(In Revista Carlos Zemek Arte e Cultura, edição de 7 de julho de 2022, revistacazemek.blogspot.com/2022/07/rosani-abou-adal-flavia-ferrari-e-nilsa.html)

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista, vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão. www.poetarosani.com.br

Sui generis

Isabel Furini

o poeta iniciou a esfoliação das mágoas e percebeu o espaço interior e o seu vazio e ouviu o crocitar dos corvos e viu as gárgulas voando no firmamento e contemplou o cinturão de Kuiper enquanto os crocodilos das horas procuravam os relógios do jardim do tempo

perguntou o poeta: rancor ou amor? cada um é o criador dos elementos que povoam o seu espaço interior - cada ser humano esculpe o céu ou o inferno com as próprias mãos calejadas.

Isabel Furini é escritora, poeta e educadora. Autora de 35 livros, entre eles, Os Corvos de Van Gogh (poemas). Criadora do Projeto Poetizar o Mundo. Foi nomeada Embaixadora da Palavra pela Fundação César Egido Serrano (Espanha, 2017).

Atravessando as veias do calendário em busca do inesperado

Wanda Monteiro

“Não vale a vida comprimida. Não vale ter os ombros curvados ou a febre irrompida pelo peso do mundo. Aquiescer ao participio da existência até o gran finale, sem compreender o gerúndio das marés, não vale. Assim não vale.”

No acender dessas inquietações, Noélia Ribeiro faz um recorte nos argumentos de que o tempo, humanamente classificado com seus cortes de passado, presente e futuro, não existe. O que existe é o movimento contínuo de que tudo vive e pulsa no gerúndio – nada de fato acontece porquanto tudo está acontecendo. A poeta manda às favas a antipatia que os letrados têm diante do gerúndio e

escreve sobre ele, jogando luz sobre a perspectiva filosófica da transtemporalidade, da narrativa da existência, de suas impermanências e sentença: sem compreender o gerúndio das marés, não vale. Assim não vale. A autora sabe questionar, desafiando o leitor(a) a refletir: Que desenho faremos com a linha obscura que atravessa as veias do calendário? Pagaremos para ver a costura do tempo na malha do nada? Noélia Ribeiro aprendeu o manejo da realidade em suas escrituras, tomando para si a responsabilidade e missão de, por meio da linguagem, dar acesso ao novo do real. Sabendo e tendo a clarividência de que as imagens capturadas pelo poeta nunca são espontâneas, ainda que possam nascer do impulso inconsciente, a autora deste livro reflete sobre as imagens e faz sobre elas



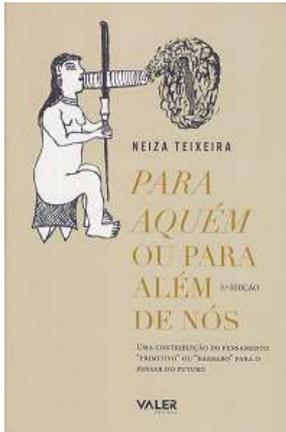
sua cuidadosa vigília para depois franqueá-las na tessitura do poema.

Excerto do texto prefácio sobre o livro ASSIM NÃO VALE de @noeliaribeiropoeta .

Wanda Monteiro é escritora, poeta, ensaísta, romancista e contista. monteiro.wanda@gmail.com



Livros



Para quem ou para além de nós, Neiza Teixeira, 3ª edição, Editora Valer, Manaus (AM), 272 páginas. ISBN: 978-65-5585-287-5.

A autora é escritora, filósofa, professora e doutora em Filosofia pela Universidade do Porto/Portugal.

Segundo Tenório Telles, escritor e professor, "Um livro desafiador e estimulante, em termos de reflexão sobre os impasses do conhecimento e o esvaziamento da existência de seus fundamentos subjetivos e simbólicos. A autora deixa claro o seu objetivo: 'os povos que ainda vivem o mito vivo'. E elege como fonte de análise a mitologia do povo Dessana, habitante de uma região mágica da Amazônia - o Alto Rio Negro. Sustenta sua argumentação na ideia do retorno ao crítico como forma de compreensão do mundo, experiência que remonta a Hélade e aos gregos."

Editora Valer: <https://www.editoravaler.com.br/>

O Domador de Cometas e outros versos, Oswaldo Rosa, Editora Univer-sum Brasília, São Paulo, 89 páginas. ISBN: 978-85-98926-19-3. *A Bomba que falta - Me nego a vagar nas trevas*, prosa de Oswaldo Rosa, capa de Elifas Andreatao, 117 páginas.

O autor é escritor, poeta, haicista, contista, cronista e compositor. Tem músicas em parceria com sua companheira Susie Mathias, com Joca Freire, Ilys Maceioh, entre outros músicos.

São dois livros em um. *A Bomba que faltava* reúne crônicas, contos e microcontos. *O Domador de Cometas* abriga haicais, sonetos, poemas concretos, visuais e de variados estilos.

Segundo Rogério Noia da Cruz, poeta, compositor e editor, "Um homem que, mesmo com a simplicidade da alma, traz em si a intelectualidade dos grandes escritores, a maestria dos grandes poetas e a criatividade dos grandes artistas. Grande no sentido mais sublime da grandeza, imensurável que é seu talento e caráter."

Oswaldo Rosa: oswaldorosa@gmail.com



O Diabo na Corte: Leitura Crítica do Brasil Atual, de Frei Betto, 216 páginas, Editora Cortez, São Paulo.

ISBN: 9788524927652.

O autor é escritor, jornalista, antropólogo, filósofo, teólogo e assessor de movimentos pastorais e sociais.

O livro faz uma leitura crítica da conjuntura brasileira a partir das eleições de 2018. Esta é uma obra que convida o leitor a um diálogo sobre as surpreendentes mudanças pelas quais passa o Brasil e as perspectivas de superação dessa etapa de radicalização do ultraliberalismo.

Editora Cortez:

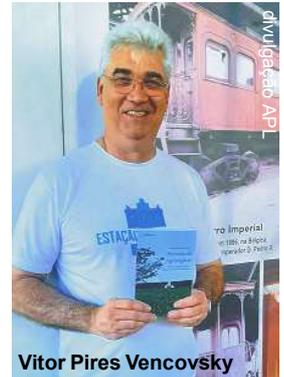
<https://www.cortezeditora.com.br/>

Nova Diretoria da Academia Piracicabana de Letras

A Academia Piracicabana de Letras realizou Assembleia Geral Ordinária, no dia 25 de junho, na sede da APL/IHGP, Rua José Martins de Toledo, 109, para eleger a nova diretoria para o triênio 2022 / 2025. Apenas a chapa Retomada foi inscrita.

Na ocasião também foram deliberadas as questões administrativas e financeiras da gestão anterior.

Diretoria: Vitor Pires Vencovsky (presidente), Carmen Maria da Silva Fernandes Pilotto (vice-presidente), Raquel Delvaje (diretora de acervo), Ivana Maria França de Negri (1ª secretária), Valdiza Maria Capranico (2ª secretária), Edson Rontani Júnior (1º tesoureiro) e Alexandre Sarkis Neder (2º tesoureiro).



Vitor Pires Vencovsky

Conselho fiscal: Waldemar Romano, Cássio Camilo Almeida de Negri e André Bueno Oliveira.

Responsável pela edição da Revista: Edson Rontani Júnior.

100º Sarau da Casa Amarela

A Casa Amarela – Espaço Cultural realizou, no dia 10 de julho, a centésima edição do Sarau da Casa Amarela, em sua sede, Rua Julião Pereira Machado, 7, São Miguel Paulista, em São Paulo.

A Casa iniciou suas atividades em março de 2011. É um ponto de encontros de artistas e arteiros, pensadores e amadores profissionais. Promove saraus (segundo domingo do mês), exposições, shows acústicos e intimistas, debates, rodas de conversa, apresentações teatrais e projeções de vídeos e ensaios. <http://casamarela-e-cultural.blogspot.com.br/>

Participaram do sarau Rosani Abou Adal, Silmara Lopes, Ceciro Cordeiro, Valentina, Sacha Arcanjo, Beto Ponciano, D. Teixeira, Fátima Bugolin, Roberto Cândido, Rosinha Moraes, Luka Magalhães, Akira Yamasaki, Escobar Franelas, Paulinho Dhi Andrade, Paulinho (músico), Beatriz Carvalho, Paulo Miranda, José Pessoa, Tião Baia, Idevanir Arcanjo, Big Charlie, Carlos Bacelar, Aline Lopes, Alexandre Paulino, Kinho, Valter Pasarinho, Célia Maria Ribeiro, Tato Wellington, Punky A Lenda, Arthur Denzel, Wagninho Barbosa, Maurício Mazzo, Yuri Cortez, Ada Luz, Lado B - 1000 Graus (Wagninho Barbosa e Adriano Monteiro), Acauã e Nanci Vieira.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS. 2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



Cristina Palhares, Maristela Bizarro, Ana Cláudia Martins (pres. CRB8), Rosani Abou Adal, Regina Fazioli (vice-pres. CRB8) e Vera Stefanov (pres. SINBIESP).

O Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo – 8ª Região promoveu, no estande da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, no dia 8 de julho, o bate-papo *Os 'Corumbas', de Amando Fontes: Mulheres, Leitura e Revolução*, com Maristela Sanches Bizarro e mediação de Maria Cristina Palhares. Rosani Abou Adal foi convidada para declamar o *Hino Sindical* de sua autoria.

Vera Stefanov, presidente do SINBIESP, participou do bate-papo *Mercado de Trabalho - SINBIESP*, com mediação da presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo Ana Cláudia Martins, no dia 5 de julho, no estande do CRB8 na Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

Rosani Abou Adal teve o poema *Lembranças (Catedral do Silêncio)* publicado na revista *Awen Magazine* da Espanha, em espanhol (*Recuerdos*) e inglês (*Regards*). awenmagazineart.blogspot.com/2022/07/recuerdos-poema-de-rosani-abou-adal.html

O Poema *Nu, o Corpo*, de Rosani Abou Adal, livro *De Corpo e Verde*, foi traduzido para o espanhol (*Desnudo el Cuerpo*) e publicado na Revista *Literarte* da Argentina. revistaliterartedigital.blogspot.com/2022/06/rosani-abou-adal-brasilj-uno-de-2022.html

A Revista *Carlos Zemek Arte e Cultura*, editada por Carlos Zemek e Isabel Furini, publicou, na edição de 7 de julho de 2022, poemas com o tema *Chocolate*, de Rosani Abou Adal (*Deuses das Amêndoas*), Flavia Ferrari (*Desejo*) e Nilsa Alves de Melo (*A Imagem da Felicidade*). revistacazemek.blogspot.com/2022/07/rosani-abou-adal-flavia-ferrari-e-nilsa.html

Maurício Zouein lançou *A Ideia de Civilização nas Imagens da Amazônia (1865 – 1908)*, pela Editora Telha.

Sergio Paulo Rouanet, diplomata, filósofo, antropólogo, professor universitário, tradutor, ensaísta e membro da Academia Brasileira de Letras, faleceu no dia 3 de julho, no Rio de Janeiro, aos 88 anos. Nasceu no Rio de Janeiro, no dia 23 de fevereiro de 1934. Autor da Lei Rouanet de Incentivo à Cultura, criada em 1991. Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Exerceu o cargo de Secretário de Cultura da Presidência da República. Autor de *As razões do Iluminismo, Mal-estar na modernidade, Idéias: da cultura global à universal, Rouanet 80 anos*, entre outros.

A Academia Brasileira de Letras lançou o número 110 da *Revista Brasileira*, órgão oficial da ABL desde a sua fundação em 1855.

O Grupo Editorial Scortecci, completará, no dia 13 de agosto, 40 anos de história no mercado editorial. O grupo é dirigido pelo escritor e editor João Scortecci que também é diretor da ABRIGRAF - Associação Brasileira da Indústria Gráfica.

A Biblioteca Raul Bopp, em parceria com o Coletivo São Paulo de Literatura, registrará no dia 6 de agosto, sábado, às 16h30, uma foto histórica de escritoras e poetisas na escadaria da Praça Jorge Cury, próximo à Rua Muniz de Souza. A ideia da foto histórica é da jornalista e escritora Giovana Madalosso. Biblioteca Raul Bopp, Rua Muniz de Souza, 1155, Parque da Aclimação, em São Paulo. Tel.: (11) 3208-1895. bmraulbopp@gmail.com

Celso Amorim, escritor e ex-ministro, lançou, pela editora Benvirá, *Laços de Confiança - O Brasil na América do Sul*. A obra abriga memórias, anotações e pesquisas. O autor narra suas experiências como chanceler e expõe a situação do Brasil nas relações diplomáticas com os parceiros sul-americanos. www.benvira.com.br/

Notícias

A Série Documentos Literários, da Fundação Biblioteca Nacional, digitalizou *A menina do narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato, para a Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil. A obra, que se encontra em domínio público, está disponível na BN Digital para compor o núcleo inicial da Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil. http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drq43265/drq43265.pdf

Carlos Mahlungo, compositor, cantor e poeta, lançará o CD *Faladores de Belezas*, em um show homônimo, no dia 30 de julho, às 19h30, no Teatro Heleny Guariba, Praça Roosevelt, 184, em São Paulo. O CD reúne 14 músicas, sendo que sete são de sua autoria e as demais em parceria. Também lançará o livro de poemas *Eu Pensar* (Editora Desconcertos). O cd contou com a produção geral do maestro Vidal França, falecido em 12 de fevereiro de 1922. A produção é de Carlos Moura e Cida Costa. Carlos Mahlungo: (11) 98547-9503. malungoc@bol.com.br

A Academia Brasileira de Letras conferiu o Prêmio Machado de Assis de 2022 ao antropólogo Roberto DaMatta pelo conjunto de sua obra.

O Prêmio Colar Guilherme de Almeida 2022, promovido pela Câmara Municipal de São Paulo, agraciou os membros da Academia Paulista de Letras Rubens Barbosa e Maria Adelaide Amaral.

Marcos Bassini, escritor e compositor, lançou *Das Dores*, dramaturgia que denuncia a política de extermínio nas periferias das grandes cidades do país, pela Editora Cobogó.

Turma da Mônica, em parceria com a WWF-Brasil e Maurício de Sousa Produções, lançou uma cartilha sobre Restauração de Ecossistemas e o futuro do planeta com dicas de como cuidar do meio ambiente e sobre a importância da restauração do ecossistema.

Maquiavel, a democracia e o Brasil, de Renato Janine Ribeiro, publicado pela Editora Estação Liberdade e Edições SESC São Paulo, apresenta, a partir de referências históricas e atuais, da ciência política e das artes trágicas, um panorama sobre como pensar a ação política.

O Flipoços 2022 e a 17ª Feira Nacional do Livro de Poços de Caldas serão realizadas de 3 a 11 de setembro, no Espaço Cultural da Urca, em parceria com a Secretaria de Estado de Educação do Estado de Minas Gerais.

A BIBLION é uma biblioteca digital gratuita de São Paulo que disponibiliza livros para leitura durante 15 dias e o prazo poderá ser renovado pelo mesmo período caso a obra não tenha reservas. Os interessados poderão emprestar gratuitamente até dois livros por vez. A Biblion é uma iniciativa do Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, sob a gestão da SP Leituras. O acervo da plataforma é atualizado constantemente, com recursos digitais e em audiolivros em diversas línguas e idiomas. Abriga programação cultural. www.biblion.org.br/

Nélida Piñon, membro da Academia Brasileira de Letras, doou o acervo da sua biblioteca para Instituto Cervantes do Rio de Janeiro que terá o nome de Biblioteca Nélida Piñon.

Ruth Ozeki, escritora, cineasta e sacerdote zen-budista, foi agraciada com o prêmio Women's Prize for Fiction 2022 com o romance *The book of form and emptiness*. A laureada recebeu a importância de £ 30 mil e uma estatueta de bronze.

João Lara Mesquita, escritor, músico, jornalista e fotógrafo, tomou posse na Academia Paulista de Letras, no dia 30 de junho, sucedendo o musicólogo e jornalista Zuza Homem de Melo. Autor de *O Brasil visto do Mar Sem Fim* e *A Saga do Mar Sem Fim*.

A 21ª Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto, promovida pela Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto, será realizada de 20 a 28 de agosto, das 8 às 22 horas, em vários espaços. O tema central será *Do Caburaí ao Chuí: a força da literatura brasileira*. Abrigará salões de ideias, contação de histórias, shows musicais, performances, debates, oficinas e workshops. Prestará homenagem aos escritores Ariano Suassuna, Carolina Maria de Jesus, Daniel Munduruku, Magda Soares e João Augusto; para o empresário Isaac Peres e a professora Isabel Cassanta. www.fundacaodolivroeleiturarp.com

